

Mística, solitude e oração: um diálogo entre a teologia de Bonhoeffer e o pós-teísmo

Mysticism, loneliness and prayer: a dialog between Bonhoeffer's theology and post-theism

* Cristiano Pesset Ferreira

Resumo:

Esta pesquisa propõe uma análise comparativa entre a teologia pós-teísta e a abordagem mística cristã, com foco na prática da oração individual e secreta. O estudo examina como, na modernidade pós-teísta, diversas práticas espirituais, presentes tanto em religiões como em contextos não religiosos, podem ser vistas como equivalentes à oração mística cristã. A partir da reflexão sobre a mística da oração secreta, que é central para várias tradições religiosas, o artigo investiga o papel dessa prática na busca pela comunhão com o transcendente. A metodologia envolve a análise das obras de pensadores pós-teístas como Santiago Villamayor e José María Vigil, além da exploração dos escritos de Dietrich Bonhoeffer, com destaque para sua abordagem da oração secreta baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo. Busca-se identificar as semelhanças e diferenças entre as práticas místicas nas duas vertentes teológicas, observando que, enquanto a teologia pós-teísta adota uma abordagem pluralista e sem uma definição fixa de Deus, a mística cristã, especialmente na visão de Bonhoeffer, se fundamenta em princípios bíblicos e na busca pessoal pela presença divina. O estudo enfatiza que a prática da oração, seja no contexto pós-teísta ou cristão, é um meio fundamental para a conexão com o divino e para o cultivo de uma espiritualidade genuína.

Abstract:

This research proposes a comparative analysis between post-theistic theology and the Christian mystical approach, focusing on the practice of individual and secret prayer. The study examines how, in post-theistic modernity, various spiritual practices, present both in religions and in non-religious contexts, can be seen as equivalent to Christian mystical prayer. Starting from a reflection on the mysticism of secret prayer, which is central to various religious traditions, the paper investigates the role of this practice in the search for communion with the transcendent. The methodology involves analyzing the works of post-theistic thinkers such as Santiago Villamayor and José María Vigil, as well as exploring the writings of Dietrich Bonhoeffer, with emphasis on his approach to secret prayer based on the teachings of Jesus Christ. It seeks to identify the similarities and differences between mystical practices in the two theological strands, noting that while post-theistic theology adopts a pluralistic approach and without a fixed definition of God, Christian mysticism, especially in Bonhoeffer's view, is based on biblical principles and the personal search for the divine presence. The study emphasizes that the practice of prayer, whether in a post-theistic or Christian context, is a fundamental means of connecting with the divine and cultivating a genuine spirituality.

*Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Texto enviado em
13.12.2024

Texto aprovado em
06.08.2025

Palavras-chave: Mística;
oração; pós-teísmo; solitude;
Bonhoeffer

Keywords: Mystic; prayer;
post-theism; loneliness;
Bonhoeffer



Introdução

Este artigo tem como objetivo propor uma pesquisa comparativa sobre práticas equivalentes à oração particular na modernidade pós-teísta - presentes em diversas religiões ou até mesmo em práticas de pessoas não religiosas - em relação à experiência da oração individual como prática da mística cristã. O foco será a mística da oração individual e secreta, a qual constitui um dos pilares das expressões religiosas de inúmeras crenças e é também indispensável para a manutenção da fé cristã. A mística, enquanto tema, atravessa a totalidade da ação religiosa, estando relacionada a todas as práticas que visam a abertura do ser humano para o transcendente.

A oração individual e secreta, envolvida ou não por êxtases e outras manifestações sobrenaturais, é uma prática voluntária e disciplinada, exercida pelo indivíduo. Caracterizada pelo inefável, essa oração percorre o caminho do transcendente até alcançar a presença do ser supremo, aproximando o ser humano do divino. Da solidão, o indivíduo vai ao encontro místico com a transcendência do Supremo Ser.

Para a análise comparativa, será realizada uma leitura de teólogos que abordam esse tema na modernidade, especialmente no contexto pós-teísta, também conhecido como “depois de Deus”. Serão consideradas as obras de pensadores como Maria Clara Bingemer, Santiago Villamayor, José Arregi, José María Vigil e José Ignacio González Faus.

A partir de uma pesquisa de interesse pessoal, o trabalho baseia-se principalmente nos escritos e no testemunho do teólogo místico Dietrich Bonhoeffer, especialmente em relação à oração secreta. Serão examinadas, também, as afirmações e práticas de Jesus Cristo sobre a oração secreta, dado que ele orienta sobre o “quarto fechado” para a oração, além de dar exemplo pessoal da busca individual pela presença de Deus. Bonhoeffer, de maneira enfática, recomenda que a espiritualidade cristã seja edificada sobre uma prática individual de oração, fundamentada nas Escrituras.

Embora a experiência mística não se restrinja a uma religião específica — tampouco à oração cristã —, a oração individual, seja acompanhada de silêncio ou de diálogo, é uma busca por contato místico com o transcendente, presente em diversas expressões religiosas. Cada tradição religiosa possui suas próprias

formas de vivenciar essa experiência, mas, em essência, todas apontam para o mesmo objetivo: a comunhão com o divino.

1. A abordagem pós-teísta da oração pessoal individual

O Dicionário de Bíblia, Teologia e Filosofia, no verbete misticismo, assim afirma: “A abordagem mística de Deus é aquela que enfatiza a comunhão com a divina Presença, a qual é espiritual, não discursiva, e, com frequência, inefável. Nessa abordagem, é importantíssima a unidade: unidade com a natureza; unidade com a alma; unidade com Deus” (CHAMPLIN, 1995, p. 313). Neste entendimento, a mística procura tratar sobre esse contato de comunhão que o ser humano procura estabelecer com “aquilo ou aquele” que ele entende ser “o divino”.

Alguns teólogos têm identificado a era em que vivemos pelo nome de “pós-teísta” (ARREGI, 2021, p. 11-15). A modernidade e o entendimento de “deus” na atualidade produzem a observação da prática da experiência mística da oração privada com uma perspectiva específica. A palavra “deus” na era pós teísta deve ser usada como “símbolo de Realidade Última, do Mistério, da ‘divindade da realidade’ (ibidem, 2023, p. 22). Sendo assim, Deus é buscado em oração por todo o que busca a presença do Mistério Superior. Em secreto, essa busca mística acontece pela voluntária decisão do ser humano que procura algum contato com o ser divino.

1.1 O diálogo interior

Uma obra contemporânea de grande relevância sobre a modernidade pós-teísta, que busca identificar a necessidade de reflexão acerca das diversas experiências místicas religiosas e arreligiosas de nosso tempo, é o livro *Después de Dios otro modelo es posible*, dos autores Jacques Musset, Carmen Magallón, Santiago Villamayor, José Arregi, Mary Judith Ress e José María Vigil. Em sua introdução, os autores apresentam um aspecto da experiência mística individual em contato com a Presença, na forma de um diálogo interior:

Muitas vezes, essa Presença, a autopresença do Todo em mim, tomará a forma de um diálogo interior comigo mesmo, ou com os outros, ou com a natureza; também a forma de silêncio, ou de música calma. E esse instante de eternidade será como um espelho matinal, um “na Divindade da Realidade sem Theos” para sentir, antes de qualquer

outra coisa, antes que uma palavra seja dita, quem somos e onde estamos (ibidem, p. 22).

A oração secreta, conforme entendida na prática cristã, pode ser reinterpretada na teologia pós-teísta como um diálogo interior. Assim, a obra citada propõe uma compreensão contemporânea da oração secreta. Essa Presença pode se manifestar de diferentes maneiras, adaptando-se às necessidades e preferências individuais. O “diálogo interior” refere-se a uma comunicação interna, um processo de reflexão, questionamento e busca de compreensão pessoal. Trata-se de um momento de introspecção no qual o indivíduo estabelece um diálogo consigo mesmo, explorando seus pensamentos, emoções e intuições.

Além do diálogo interno, a obra sugere que a Presença também pode se manifestar por meio do diálogo com os outros. A Divindade habita em mim e nos outros; neles, também encontro a Presença. A natureza é mencionada como outro meio pelo qual a Presença pode se comunicar. Essa interação com a natureza pode representar uma forma de conexão profunda e reverência pela vida ao nosso redor, permitindo o reconhecimento da beleza e harmonia da criação e a conexão espiritual com ela. A ecoteologia busca destacar esse diálogo, juntamente com as manifestações de Deus na natureza.

A citação acima também menciona o silêncio como uma forma de manifestação da Presença. O silêncio pode ser entendido como um estado de tranquilidade e serenidade, que possibilita o contato do ser humano com seu eu interior, alinhando-o à Presença que permeia tudo. Trata-se de um momento de quietude no qual a mente se acalma e abre espaço para a introspecção e a conexão com algo maior. A música calma é citada como outra forma pela qual a Presença pode se manifestar. A música tem o poder de evocar emoções e estados de espírito; uma música calma pode proporcionar um ambiente propício à contemplação, à meditação e à conexão com a Presença.

A versatilidade da Presença pode se expressar de diversas maneiras, seja por meio do diálogo interior, do diálogo com os outros, da conexão com a natureza, do silêncio ou da música calma. Essas manifestações múltiplas permitem que cada indivíduo encontre seu próprio caminho para se conectar com a Presença e experimentar uma sensação de plenitude e harmonia.

A obra afirma que não precisamos renegar as práticas de oração como as conhecemos até hoje, mas sugere que devemos atribuir a elas um caráter

renovado ou metafórico. Cada pessoa deve expressar o inominável de acordo com aquilo que ele simboliza para si mesmo. Sobre isso, ainda na introdução, pode-se ler:

Não temos que renegar atitudes e práticas que antes nos eram queridas. Estamos nos referindo, por exemplo, ao equivalente à oração, às celebrações comunitárias e, em geral, aos símbolos que nos identificam como participantes da criatividade e do amor. Aplicaremos o caráter metafórico a eles de forma significativa e irrealista, deixando cada um expressar o inominável como lhe pareça simbólico, mas sem ingenuamente iludir-se. O importante em qualquer caso é entrar neste sentimento de bondade, beleza, compaixão, serenidade, coragem... (ibidem, p. 22).

Na abordagem proposta, o padrão ou a nomenclatura é o que menos importa. O importante para esse enfoque é encontrar um equivalente às práticas místicas de contato com a espiritualidade, de acordo com a forma que cada indivíduo puder expressar, sem perder o caráter sublime e inefável. Independentemente da nomenclatura utilizada para o ato de orar, o essencial é possuir uma expressão que represente o desejo de conectar-se com o transcendente.

1.2 O homem de joelhos encontra-se perfeitamente em seu lugar

Gonzalez Faus comenta sobre o ato de o homem colocar-se de joelhos na adoração. Em seus escritos, há uma valorização da atitude de abertura do ser humano para o inefável, mesmo em um contexto atual desvinculado de “*theos*”. Citando um texto de Légaut, Faus afirma:

É que colocar-se de joelhos não é um ato de rendição ou de vassalagem formal, mas diz simplesmente que o homem, ao adotar essa postura, encontra-se perfeitamente em seu lugar diante ‘daquela maravilha incomparável de pureza’ que o envolve. A primeira coisa que acontece na adoração, dizia Karl Barth, é o estremecimento. Por isso, é uma atitude que não pode ser imposta por decreto, já que, se assim fosse, seria uma falsificação (FAUS, 2023, p. 18).

Colocar-se de joelhos não é ser um vassalo nem um religioso formalista, mas sim estar no lugar perfeito para o ser humano que busca a pureza do Supremo. Faus considera que a busca do inefável não transforma o ser humano em um laiaio fanático, mas em um ser contemplativo. Ele também não inter-

preta a posição de joelhos como um formalismo religioso vazio, mas como uma abertura voluntária do espírito. Nesse contexto, a pureza é destacada como uma característica particularmente marcante.

Ao adotar a posição de joelhos em oração, o homem encontra-se “perfeitamente em seu lugar”, sugerindo que ele está em harmonia com o ambiente que o cerca, que ele está bem sintonizado com aquilo para o qual ele existe. Essa atitude representa uma expressão de humildade e de reconhecimento da grandiosidade e beleza que transcendem o indivíduo. É uma forma de se colocar em sincronia com algo maior, algo que Faus descreve como uma “maravilha incomparável de pureza”. Essa visão enfatiza a importância de estar em um estado de sinceridade diante da grandiosidade do mundo e de tudo o que nos envolve.

Colocar-se de joelhos é um gesto voluntário, individual e simbólico que nos ajuda a lembrar nossa pequenez em comparação com as forças maiores e misteriosas que nos cercam. Trata-se de uma maneira de nos conectar com a transcendência e de reconhecer que há algo maior do que nós mesmos. Ao adotar essa postura, o indivíduo encontra-se em sintonia com a grandiosidade e a pureza que o envolvem, demonstrando respeito e admiração por algo além de si mesmo.

Faus também afirma que a espiritualidade privada, representada pelo ato de colocar-se de joelhos, não pode ser imposta: é voluntária e espontânea. O estremecimento faz parte dessa expressão pessoal, pois não pode ser produzido pela própria pessoa, vindo de fora. A característica despretensiosa e não planejada da experiência mostra que a busca secreta do contato com o divino precisa ser sincera.

“A verdadeira adoração só pode ser essa entrega incondicional e confiante diante do Mistério, que sentimos nos envolver como um mar ou um abraço de gratuidade e pureza” (ibidem, p. 18). Para Faus, a adoração genuína vai além dos rituais formais ou devoções superficiais. Ela é caracterizada por uma entrega completa, desprovida de condições ou limitações. É um ato de abertura total, no qual a pessoa se abre ao desconhecido, ao Mistério que transcende nossa compreensão.

Essa entrega incondicional e confiante é descrita como uma sensação de envolvimento semelhante ao abraço de um mar. A metáfora evoca a imensidão, a força e a fluidez do oceano. A adoração é como mergulhar nesse mar infini-

to de gratuidade e pureza, permitindo que ele envolva o ser completamente. A gratuidade enfatiza que a adoração verdadeira não busca recompensas ou benefícios pessoais. Trata-se de um ato desinteressado, no qual a pessoa se abre ao Mistério sem esperar nada em troca. Essa entrega é motivada por um profundo sentimento de reverência e respeito.

A pureza é outra qualidade destacada novamente por Faus. A adoração verdadeira é uma expressão de pureza de intenção e de coração. Ela envolve abrir-se com sinceridade e autenticidade diante do Mistério, sem segundas intenções ou impurezas de pensamento. Trata-se de reconhecer que há algo maior, algo que não pode ser totalmente compreendido ou explicado. A adoração é uma resposta a esse Mistério, uma resposta que vai além das palavras e das formalidades, sendo experimentada no âmago do ser.

1.3 Mais concepções pós-teístas da oração íntima

Se, no seu uso pós-teísta, a palavra “deus” deve ser ressignificada, a oração segue o mesmo caminho. Virgil afirma que é muito difícil para as pessoas teístas aceitarem que seja possível uma espiritualidade íntima sem *theos*. Para explicar isso, ele cita, a seguir, o exemplo do mundo cristão, no qual falar de oração não-teísta é até um absurdo: “Essas pessoas também reivindicam o ‘caráter pessoal’ de *theos* como algo essencial e indispensável. Sem *theos* lá em cima como um ‘amigo invisível’, sempre pronto para contato direto de oração íntima, seria impossível para eles não só a oração, mas a espiritualidade” (VIRGIL, 2021, p. 227). Ou seja, para Virgil, não é um absurdo que haja espiritualidade e oração em um mundo sem *theos*. Diversas expressões de espiritualidade e oração individual mística são praticadas por não cristãos e até ateus. Os diferentes tipos de contato, silenciosos, secretos e na forma daquilo que conhecemos como “oração”, com algo ou alguém além de si, podem se constituir como experiências místicas de oração, desde que possuam a característica da busca pelo Absoluto.

Maria Clara Bingemer faz uma afirmação que corrobora a ideia de que o contato com o transcendente na mística religiosa tem a ver com uma experiência pessoal e única, que só pode acontecer por graça. Trata-se de algo tão particular que não pode ser colocado em fórmulas prontas. Ao tentar formular uma

definição da experiência mística a partir do consenso recolhido nas definições de filósofos e teólogos, ela afirma:

Trata-se de uma consciência da presença divina, percebida de modo imediato, em atitude de passividade, e que se vive antes de toda análise e de toda formulação conceitual. Trata-se da vivência concreta do ser humano que se encontra, graças a algo que não controla ou manipula, frente a um mistério ou uma graça misteriosa e irresistível, que se revela como alteridade pessoal e age amorosamente, propondo e fazendo acontecer uma comunhão impossível segundo os critérios humanos e que só pode acontecer por graça (BINGEMER, 2022, p. 32).

A experiência mística, nesse conceito, é como adentrar pessoalmente em um santuário sagrado, onde a alma se abre para receber a presença divina. Nesse estado, a pessoa é envolvida por uma energia amorosa que a conecta a algo maior do que ela mesma. Essa vivência transcendental desperta no ser uma consciência expandida, uma compreensão mais profunda da existência e da própria natureza. A pessoa percebe que é parte de algo grandioso e universal, interligada a todas as formas de vida. A dualidade se dissipa e experimenta-se a unidade em sua essência mais pura. A alteridade pessoal se revela como uma troca, na qual a pessoa se abre para algo sublime e também recebe dele.

É um fenômeno que transcende a compreensão humana e conduz a um estado de consciência além dos limites da realidade cotidiana. Trata-se da percepção imediata da presença divina, uma manifestação que se revela na vida de forma espontânea, enquanto se adota uma atitude de passividade e entrega. Nesse momento único, vivencia-se algo que escapa a qualquer análise ou formulação conceitual. Ao mesmo tempo, é algo individual e pessoal, no qual o ser busca a privacidade em seu momento, e nada pode privá-lo de sua experiência. Santiago Villamayor afirma:

Conhecemos bem a experiência religiosa. Fomos educados nela. A oração, os sentimentos piedosos, o respeito sagrado nas exposições do Santíssimo Sacramento, as procissões de silêncio sepulcral, a admiração da natureza e muitas outras práticas ajudaram-nos a entrar na intimidade de Deus. Destaco três delas a título de exemplo. A primeira está ligada à ética dos máximos, a segunda como um grito de libertação e a terceira como uma experiência mística (VILLAMAYOR, 2021, p. 66).

Na sua perspectiva, muitas práticas nos conectam ao divino. Ele descreve como uma atitude ética, uma luta por libertação ou mesmo uma experiência mística podem ser formas de entrar na intimidade com Deus. Experiências de incondicionalidade, de indignação e de transcendência são igualmente relevantes para a mística religiosa. Ela é uma experiência concreta que se manifesta na vida do ser humano quando ele se encontra diante de um mistério insondável, uma graça misteriosa e irresistível.

A religiosidade pós-teísta também segue o caminho do encontro com o Mistério e o Silêncio. As palavras nem sempre importam quando o ser humano se fecha para o exterior e se abre para o contato com o Mistério. Arregi afirma que:

Este caminho de regresso ao Mistério ou ao Silêncio foi iniciado no coração das religiões teístas (politeístas e monoteístas) desde a sua origem. A espiritualidade transteísta (ética, ecológica, política e mística) é o destino do nosso tempo, tanto para aqueles que ainda seguem uma religião quanto para aqueles que abandonaram definitivamente toda religião e todo “Deus” fabricado (ARREGI, 2021, p. 120).

Ao mencionar que a espiritualidade transteísta regressa ao Mistério e ao Silêncio, Arregi sugere que essa abordagem espiritual reconhece a limitação da compreensão humana diante do mistério insondável do universo. Ele enfatiza a importância de abraçar o mistério e aceitar que nem tudo pode ser explicado ou compreendido racionalmente. O Silêncio aqui pode ser entendido como uma referência ao estado de quietude e contemplação interior, onde se busca transcender a mente discursiva e alcançar um estado de conexão com o sagrado.

A espiritualidade transteísta é ética, ecológica, política e mística. Isso sugere que essa abordagem espiritual não se limita apenas à dimensão individual ou pessoal, mas também está relacionada a uma consciência e compromisso mais amplos. A dimensão ética da espiritualidade transteísta implica uma preocupação com ações e comportamentos que promovam o bem-estar e a justiça para todos os seres. A dimensão ecológica destaca a interconexão e interdependência de todos os seres, além da necessidade de conexão, proteção e preservação da natureza e do meio ambiente. A dimensão política refere-se ao engajamento com questões sociais e políticas, buscando uma transformação positiva na sociedade. Isso implica em trabalhar pela justiça social, pelos direitos humanos, pela igualdade e pela paz. A dimensão mística refere-se à busca

de uma conexão direta e pessoal com o divino, transcendendo as fronteiras da religião organizada e vivenciando uma união íntima com o sagrado.

Em um mundo que enfrenta desafios éticos, ambientais, políticos e espirituais, a perspectiva transteísta pode oferecer uma visão abrangente e holística para abordar essas questões e promover uma transformação positiva. A busca mística individual na atualidade não se refere apenas à contemplação, mas também a atitudes práticas. Enfim, a afirmação de Arregi conclui que a espiritualidade transteísta é o destino do nosso tempo, sugerindo que ela está se tornando cada vez mais relevante e necessária na sociedade atual.

Segundo a teologia pós-teísta, a busca de momentos de espiritualidade individual e privada refere-se a uma abordagem que transcende as divisões tradicionais baseadas em conceitos de Deus ou deidades específicas. É uma perspectiva que vai além do teísmo ou do ateísmo, buscando uma compreensão mais ampla e inclusiva do divino. “A modernidade, portanto, com toda a sua carga de racionalidade e superação do teocentrismo, encontra na antropologia o caminho para a vivência da mística e da união com Deus” (BINGEMER, 2022, p. 368). Esta afirmação Bingemer sintetiza o entendimento sobre a prática da oração mística individual e secreta na modernidade. Ela destaca que, apesar da atualidade possuir uma característica tão racional e independente de *theos*, das religiões tradicionais e da própria espiritualidade, existe uma extrema necessidade de união com Deus, motivada pelas demandas antropológicas do tempo presente.

2. A abordagem cristã da oração individual

Para tratar da mística da oração individual na abordagem cristã, é necessário recorrer a fontes que abordam a experiência mística. Uma das principais fontes que contribuem para a compreensão dessa experiência é o testemunho dos místicos. Por um interesse particular, será analisado o pensamento de uma figura mística contemporânea, que se revela de grande importância para o tema da oração isolada: o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer. Profundamente inclinado para o inefável, Bonhoeffer vivenciou suas indignações e sua prisão por meio da prática da oração, abordando de maneira intensa a experiência mística da oração individual e secreta. Seu último ato público de vida foi uma

oração de joelhos, realizada momentos antes de ser enforcado pelo regime nazista (MONDIN, 2003, p. 250).

Bonhoeffer recorre à fonte bíblica, mais especificamente aos ensinamentos de Jesus, para abordar a mística da oração pessoal. Em primeiro lugar, ele baseia-se no ensinamento de Jesus em Mateus 6,5-6. Este é o clássico texto bíblico sobre o “quarto secreto”, no qual Jesus orienta seus seguidores a buscar um local de oração longe da vista de outras pessoas.

2.1 O quarto de portas fechadas

A principal base bíblica para a prática da mística cristã da oração individual e privada é o ensino de Jesus sobre o “quarto de portas fechadas”. O Eterno Absoluto possui o poder de enxergar o recesso do coração, não necessitando de nenhuma demonstração pública para que Sua atenção seja atraída. O quarto fechado auxilia a pessoa a se concentrar e a eliminar as distrações do mundo exterior. Em um mundo agitado e repleto de ruídos, a oração secreta oferece um momento de tranquilidade e uma conexão profunda com o divino. É um tempo para desligar-se das preocupações cotidianas e direcionar totalmente a atenção para Deus. No entanto, Jesus dá outra ênfase à necessidade do quarto secreto, como se observa no texto de Mateus 6,5-6:

E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Jesus proíbe a hipocrisia e ordena a oração secreta. O oposto da introspecção não é a distração, mas sim a falsidade de coração. Ele recomenda o “quarto fechado”, um contato secreto com o Pai, promete que o orante será ouvido e oferece uma recompensa por esse ato de reclusão e fé. Orar de portas fechadas não é apenas uma estratégia para concentração e foco, mas um encontro marcado com a sinceridade.

“Lembremo-nos de que ‘fé’ é confiança; se todas as coisas pudessem ser forçadas, esta não” (VEIT, 1980, p. 23), nos lembra Marie Veit. Essa observação se harmoniza com a sinceridade da oração, pois a confiança não pode ser

forçada, nem precisa ser ostentada. A fé é pessoal. É justamente por isso que Jesus proíbe a vaidade da oração exibicionista e recomenda a oração no quarto secreto. A opção por orar em reclusão reflete o desejo pessoal e a confiança na promessa da recompensa divina. Isso não pode ser forçado; trata-se de uma decisão particular e íntima.

A oração secreta, ensinada por Jesus como uma proibição à oração pública e vaidosa, deve ser um desejo íntimo do ser. Trata-se de uma busca pela recompensa da presença divina. A recompensa é o encontro com a presença mística de Deus, enquanto na oração exibida a recompensa é o reconhecimento e a admiração humana. “Este desejo de publicidade tem suas raízes no profano, como em toda atitude sincera e silenciosa existe algo de sagrado, de sublime” (RODHEN, 1997, p. 125). Há uma misteriosa afinidade entre solidão e sacralidade. A vida espiritual está envolta na misteriosa castidade e numa profunda reverência. O homem que se move no plano da consciência vertical não espera recompensas, a não ser a presença divina.

Buscando um sinal ou contato com a presença absoluta e a direção divina, o ser orante se reveste de autenticidade e sinceridade. Na oração secreta, não há necessidade de se preocupar com a impressão que se causa nos outros. É um espaço seguro para ser sincero e autêntico diante do Eterno Ser. Ao mesmo tempo, o orante se sente amado, porque abre mão do amor de outros humanos, do conforto da companhia e do amor das coisas materiais. A oração secreta é um espaço para nutrir a espiritualidade e se despojar da materialidade.

2.2 A experiência mística de Jesus a sós com Deus

Em segundo lugar, Bonhoeffer recorre a outra base bíblica, especificamente ao seguimento dos exemplos de Jesus a sós com Deus: “E, levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava” (Mc 1,35). Jesus levanta-se muito cedo e vai orar sozinho. Ele não cede à pressão das multidões e não permite que os discípulos determinem sua rotina. O encontro com Deus é mais importante e necessário. Para isso, Ele se dispõe a buscar horários e locais isolados e solitários para simplesmente estar a sós com o Pai (Mt 14,23; Lc 5,1; Lc 6,12). Ele busca períodos de oração sem interrupções, com transparência e intimidade. Em outra ocasião, Jesus dispensa

primeiro a multidão e, após o labor das curas e do ensino, sobe a um monte solitário para orar (Mc 6,46).

No Getsêmani, envolto por extrema angústia, Jesus se prepara para enfrentar sua entrega à morte por meio da oração solitária. Ele se afasta dos discípulos para um canto do jardim. Em profunda tristeza, tomado de pavor e reverência angustiante, Jesus ora para que sua preparação pessoal flua da comunhão com o seu Abba (Mt 26,36.39.42.44). Se Ele estava sofrendo, era para o Pai que Ele deveria se abrir sozinho e por completo. São características desse momento: a) abertura e sinceridade, “se possível, passa de mim”; b) intimidade e dependência, “Abba”; c) um encontro místico responsivo, uma resposta recebida. Deus se dirigiu a Ele, que entendeu a vontade superior: “como tu queres”.

Bonhoeffer utiliza esses exemplos de Jesus como base para seus ensinamentos. Ao buscar momentos de oração secreta, Jesus é o mestre e exemplo supremo de conexão com o divino. Em seus exemplos e em sua ordem de privacidade, observamos que a oração secreta oferece socorro para o desesperado e conformidade com a vontade do Pai.

2.3 Destaques de Bonhoeffer sobre a oração pessoal

Para justificar a necessidade da oração secreta e individual, Bonhoeffer se fundamenta também em outros aspectos. Em uma justificativa de sua importância, ele afirma: “É obrigatória aquela meia hora matinal que nos resta para a devoção. Penso mesmo que devemos preparar-nos com a devida disciplina física e espiritual para o dia em que seremos postos à prova” (BONHOEFFER, 1995, p. 10). O ser humano compartilha com o divino suas necessidades e emoções, enquanto se prepara para os desafios do mundo à sua volta. O orar solitário, nessa perspectiva, é uma preparação para os sofrimentos.

Em seu livro *Vida em Comunhão*, Bonhoeffer descreve a rotina de uma comunidade de irmãos, onde a oração matutina, reflexão bíblica e cânticos eram seguidos de trabalho. Ao meio-dia, havia uma pausa para outra oração antes da refeição, e depois o retorno ao trabalho. Ao cair do dia, após todas as atividades, seguia-se um outro período de devoção, com orações, leituras bíblicas e cânticos. Porém, é sobre a oração em segredo que Bonhoeffer dedica igual importância.

Apesar de seu tema central ser a vida em comunhão, Bonhoeffer dá grande destaque à necessidade da solidão, ou seja, dos momentos a sós com Deus. O teólogo afirma: “A pessoa que não suporta a solidão deve tomar cuidado com a comunhão. A pessoa que não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão” (idem, 1997, p. 58-59). Ambas as dimensões são importantes e complementares na vida mística. No entanto, a oração secreta é essencial para cultivar um relacionamento pessoal com Deus, nutrindo a espiritualidade e encontrando renovação. É um tempo sagrado e precioso para a abertura à sinceridade. Bonhoeffer sugere que a pessoa que não suporta a solidão, que não é capaz de encontrar tempo para se recolher em oração secreta, precisa tomar cuidado ao participar da comunhão. Isso porque a comunhão exige um nível de abertura, disponibilidade e desejo de se conectar com outras pessoas. Nesse sentido, a oração individual, para Bonhoeffer, significa a busca pessoal pela oração mística, composta por três aspectos: silêncio, solidão e invisibilidade.

2.3.1 Silêncio: o desejo místico de ir além da Palavra.

Bonhoeffer recomenda momentos de silêncio na oração secreta individual. O silêncio na mística da oração é uma atitude de receptividade, reconhecendo a grandeza do ser supremo. Quando confrontado pelos que rejeitam o silêncio sob a alegação de ser um desprezo à meditação na Palavra, Bonhoeffer afirma:

Existe uma indiferença e mesmo uma rejeição que considera o silêncio um desprezo pela revelação de Deus na Palavra. Essa é uma interpretação errônea do silêncio no sentido de gesto solene, do desejo místico de ir além da Palavra. Já não se reconhece o silêncio em sua relação essencial com a Palavra, com o singelo aquietar-se do indivíduo sob a Palavra de Deus (ibidem, p. 60).

O silêncio não é um antagonista da Palavra, mas um meio de acolhê-la e de deixar que ela ressoe dentro de nós. O silêncio é um desejo místico, que espera um contato com o inefável. A característica da oração secreta é o silêncio. Silenciar significa estar à espera da manifestação do sobrenatural. Isso não significa que o orante negue o valor da Palavra, mas que ele deseja ir além dela. O desejo de ir além da Palavra é esperar uma proximidade divina em silêncio, além daquilo que já conhecemos da Palavra. O silêncio vai além da Palavra porque, enquanto nossos pensamentos já estão voltados para ela, aquietamos

nossas mentes para algo que possa vir além, seja um sentimento, uma voz, uma sensação ou mesmo a quietude do momento.

Para o teólogo luterano, *“Pensar e orar em silêncio, que só brota do ouvir, pode, por muitas vezes, ser mais proveitoso”* (ibidem, p. 64). Ou seja, há mais proveito no silêncio e no ouvir do que no falar religioso e automatizado. Muitas vezes, o falar atrapalha o momento muito mais do que o silêncio contemplativo. De certa forma, orações prontas e formalizadas, oriundas de uma religiosidade enraizada, não dão espaço à própria espiritualidade; por isso, a importância do silêncio.

A busca pelo Mistério deve ser cercada de reflexão interior e paz. Bonhoeffer continua: *“À semelhança de Maria, que meditava estas palavras em seu coração”* (ibidem, p. 64), devemos simplesmente absorver o vazio da quietude e não buscar “toda uma série de experiências edificantes e exitosas” (ibidem, p. 65). O silêncio se revela como uma rica experiência de nossa pobreza interior. Ele compara o silêncio da oração à atitude de Maria, que guardava no coração suas experiências, reflexões e todos os sentimentos que absorvia acerca da passagem de Jesus em sua vida. Não há nada a ser falado, nada a ser descrito; palavras não conseguem expressar e, inclusive, só atrapalham. O silêncio é o aquietar-se.

Citando Ernest Hello, Bonhoeffer diz: *“Silêncio é o excesso, a embriaguez e o sacrifício da palavra”* (ibidem, p. 60). Diante do Mais Grandioso Ser, as pessoas sacrificam as palavras e se embriagam com a satisfação de estar na presença de Deus, recompensando-se por seu sacrifício verbal. O silêncio é um excesso de desejo pelo contato místico com o Criador.

2.3.2. Solitude: a fé e a oração se efetivam na solidão

Bonhoeffer acreditava que é importante cultivar a solidão mística na oração porque, por meio dessa prática, os crentes se preparam para a solidão imposta ou necessária diante de perseguições, problemas, enfermidades e tantos outros motivos. Ele afirmou que a comunhão com os irmãos é um presente gracioso de Deus e que *“pode nos ser tirado a qualquer hora, e que talvez um prazo muito curto de tempo esteja nos separando da mais profunda solidão”* (ibidem, p. 11). A solidão em oração é necessária para estabelecer um condicionamento inte-

rior e profundo do orante. Muitas vezes, essa solidão é necessária ou imposta pelas circunstâncias; por isso, ela deve ser buscada em todas as situações.

Quando falamos em “conhecer” Deus, estamos nos referindo à definição bíblica dessa palavra, que remete ao “conhecer” como intimidade de um casal (Gn 4,1; 4,17; 1Sm 1,19; 1Rs 1,4). Assim, a solidão da oração secreta leva ao encontro íntimo, que proporciona o conhecimento do ser supremo pelo ser humano. A solitude da oração filtra todas as conexões do crente com o mundo externo. *“Orar, então, nada mais é do que a disposição para uma apropriação da Palavra, para mim, em minha situação pessoal, em minhas tarefas, decisões, pecados e tentações específicas”* (ibidem, p. 65). Este é o sentido da solitude. São assuntos pessoais a serem tratados; são pecados íntimos, decisões particulares — é entre o “eu” e o divino. Por isso, a solidão.

A solidão imposta também revela a necessidade dessa busca mística pessoal. Bonhoeffer lembra que: *“De fato, na morte e no sofrimento, o indivíduo se encontra isolado e só diante de Deus, sua fé e sua oração se efetivam nessa solidão do indivíduo”* (BONHOEFFER, 2017, p. 147). De acordo com ele, a fé e a oração são efetivadas, potencializadas ou ativadas pela solidão. Estar a sós com Deus, nesta concepção, ativa a mística da fé. A oração também é efetivada ou aprofundada na solidão. Bonhoeffer dava grande valor à solidão, tanto àquela buscada pelo ser humano crente quanto àquela imposta pelas circunstâncias.

A solidão da morte e do sofrimento leva naturalmente os seres humanos à busca do encontro com o divino em orações sinceras e profundas, feitas secretamente. As perseguições vividas pelos seguidores de inúmeras religiões, o encarceramento, as ameaças de morte, por exemplo, também se oferecem como convites à busca do Sagrado por meio da solidão imposta. Essas pessoas enfrentam situações desafiadoras, que podem abalar sua fé e sua força interior. Nesse sentido, a oração secreta na solidão é uma forma de encontrar paz interior e expressar seus sentimentos e esperanças. Também é uma maneira de fortalecer a resistência e a coragem, preparando a alma dos perseguidos religiosos. Quando uma pessoa busca a solidão da oração secreta em momentos positivos da vida, torna-se apta a buscar a oração em momentos difíceis também, quando a solidão se fizer necessária.

2.3.3 A invisibilidade da oração

Em seu livro *Discipulado*, Dietrich Bonhoeffer propõe uma seção sobre a invisibilidade da oração. Segundo ele, devemos estar invisíveis aos homens e visíveis só para Deus. Ele destaca:

A oração verdadeira não é uma obra, um exercício, uma atitude piedosa, mas o pedido de um filho ao coração do Pai. Por isso, a oração nunca é demonstrativa, nem perante Deus, nem perante nós mesmos, nem perante os outros. [...] A fé, portanto, exclui de minha prece qualquer reflexão, qualquer demonstração. A oração é absolutamente secreta. Ela se opõe a qualquer forma de reconhecimento público. Quem ora já não conhece a si próprio, mas apenas a Deus, a quem invoca. Uma vez que a oração não opera no mundo, mas é dirigida somente a Deus, é o exemplo perfeito de ação não demonstrativa (BONHOEFFER, 2016, p. 127).

A oração é um ato íntimo e pessoal, oposto à ostentação, à demonstração ou ao reconhecimento público. É uma prática que se enraíza na intimidade do indivíduo, permitindo-lhe explorar sua espiritualidade de maneira genuína e profunda. Isso pode ser interpretado como uma crítica à busca de validação externa ou à ostentação das práticas religiosas. Aqueles que acreditam que a oração é um ato sagrado podem considerar que sua eficácia e significado não estão ligados à aprovação ou reconhecimento dos outros. Pelo contrário, a oração é vista como uma experiência individual, na qual a relação entre a pessoa e o divino é estabelecida sem a necessidade de validação externa.

Quando Bonhoeffer afirma que a oração não é uma obra nem um exercício, ele denota que é necessário desvincular a ideia de oração da prática puramente formalista religiosa. A oração não é para ser avaliada pelos outros, não é objeto de uma campanha pública de espiritualidade. Aquele que ora não deve, com isso, buscar ser promovido a um “nível superior” de crente.

O motivo pelo qual as pessoas devem buscar estar invisíveis aos outros na oração é, acima de tudo, uma questão de segurança pessoal. Bonhoeffer questiona: *“O que é o quarto pequeno a que Jesus se refere, se não estou seguro nem diante de mim mesmo? Como fechá-lo de modo que nenhum expectador estrague a invisibilidade da minha oração em secreto?”* (ibidem, p. 128). É preciso estar seguro de si mesmo e da sua própria fé para orar a Deus em secreto. Esta é a importância da confiança e segurança pessoal ao se envolver em orações individuais e secretas. Com essa afirmação, Bonhoeffer sugere que, para ter uma comunicação significativa com Deus em momentos secretos, é necessário ter um senso

de autoconfiança e uma fé pessoal bem fundamentada. A pessoa se sente à vontade para se abrir completamente diante de Deus. Ela confia na sua relação pessoal com o divino e sabe que pode expressar seus sentimentos, pensamentos e anseios com sinceridade e autenticidade.

A segurança pessoal e a fé também envolvem confiança na própria voz e na capacidade de se comunicar com Deus. A pessoa pode consultar a Deus, buscar orientação e agradecer. Ela sabe que sua voz é ouvida e valorizada por Deus, e que suas palavras têm significado e importância. A segurança em si mesma e na própria fé está intimamente ligada à convicção pessoal. Quando uma pessoa tem uma fé sólida e bem fundamentada, ela sabe em quem acredita e por que acredita. Essa convicção dá segurança à sua oração, pois ela confia nas promessas de Deus, nos ensinamentos bíblicos e na presença amorosa e poderosa do divino em sua vida.

Para Bonhoeffer, a necessidade de invisibilidade justifica-se também no pedido de perdão. O perdão é o requisito básico revelado por Jesus para obtermos a resposta às nossas orações: *“Perdoai as nossas dívidas”* (Mt 6,13). Sendo o pedido de perdão algo íntimo e exclusivo, é impossível que alguém possa atender a essa prática cristã sem ter o hábito da oração privada. Bonhoeffer pondera: *“Os que pecam diariamente por toda espécie de descrença, preguiça para orar, indisciplina do corpo, vaidade, inveja, ódio e ambição devem pedir perdão a Deus todos os dias”* (ibidem, p. 131). Na oração de confissão, os pecados são revelados. Este nível de intimidade requer um quarto fechado, visível e aberto apenas para o divino, porém fechado em invisibilidade para os outros. A abertura sincera para o pedido de perdão dos pecados a Deus é vertical, é privada e deve ser inacessível aos relacionamentos horizontais.

Em razão disso, observa-se que a base teológica de Dietrich Bonhoeffer é a base bíblica e cristã. Ele justifica o desejo místico de contemplação silenciosa como algo que deve ser buscado além da reflexão na Palavra bíblica, propõe a necessidade de solitude para que o crente possa experimentar o condicionamento individual da sua fé no isolamento obrigatório que possa vir a enfrentar e, finalmente, argumenta sobre a importância de estar invisível aos outros para evitar a arrogância e a ostentação da espiritualidade.

Considerações finais

A teologia pós-teísta não desenvolve um embasamento definido para se referir à mística pessoal e particular na busca pela espiritualidade. Todas as formas e expressões são consideradas válidas e importantes. Como essa abordagem dispensa um padrão fixo, um termo próprio ou até uma definição concreta de Deus e da oração, aqueles que desejam um contato pessoal com o Ser Supremo podem recorrer a práticas como conversas interiores ou silêncio contemplativo, entre outras formas de expressão, válidas para a consciência da presença divina na contemporaneidade.

Além disso, as afirmações dos teólogos sobre a era *Depois de Deus* nos remetem a uma prática mística que não se restringe somente à solidão, ao silêncio, à conversa privada ou à contemplação do divino. Na atualidade, a mística individual abrange também o outro, a natureza e outras expressões, incluindo a responsabilidade prática do ser humano com as causas de justiça e as necessidades sociais.

Por outro lado, Bonhoeffer segue uma referência bíblica muito forte e específica para esta prática mística, fundamentada nos ensinamentos de Jesus e em seus exemplos. Além disso, ele se utiliza de argumentos teológicos próprios para justificar essa prática. A contemplação secreta de Deus ocupa um lugar de grande importância em sua teologia.

Como expressão de fé, a atitude espontânea de buscar um lugar isolado para orar é amplamente aconselhada e ensinada entre os cristãos. Além da ordem de Jesus e de seu exemplo, justificativas importantes para essa prática incluem a necessidade de uma fé pessoal e segura, uma espiritualidade sincera e o desprendimento do desejo de ostentar uma religiosidade de aparências. Como Jesus ensina, o Pai, em secreto, recompensa aqueles que O buscam dessa maneira.

Em comparação, ambas as abordagens — a da teologia pós-teísta e a de Bonhoeffer — são imprescindíveis para a vida humana, no que diz respeito à fé e à mística. Em uma sociedade que se afasta de Deus, do outro e até de si mesma, é fundamental cultivar uma espiritualidade, independentemente de qual expressão se adote. A reflexão e a calma, tão negligenciadas na era atual, ganham importância em ambas as abordagens.

Referências

- ARREGI, José. *et al. Después de Dios - Otro modelo es posible*. Coleção Novo Tempo Axial, nº 3, ES: Red de Bubok Publishing House. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/48939349/Despue_s_de_Dios_otro_modelo_es_posible?sm=b Acesso em 28 set. 2024.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 3ª impr. São Paulo: Paulus, 2004.
- BINGEMER, M. C. Místicos modernos. In: *A mística e os místicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. 630 p.
- BONHOEFFER, D. *A Comunhão dos Santos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2017. 248 p.
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Editora Mundo Cristão. 2016. 254 p.
- BONHOEFFER, D. *Tentação*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995. 72 p.
- BONHOEFFER, D. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. 95 p.
- CHAMPLIN, R.N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. v 4. São Paulo: Editora Candeia, 1995. 652 p.
- FAUS, J.I.G. *Depois de Deus*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023. 132 p.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MONDIN, B. *Os Grandes Teólogos do Século XX*. São Paulo: Teológica, 2003. 767 p.
- RODHEN, H. *O sermão da Montanha*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1997. 222 p.
- VEIT, M. A pergunta por Deus em uma era pós-teísta. *Estudos Teológicos*, v.20, n.1 (1980). Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1343/1293 Acesso em 28 set. 2024.
- VILLAMAYOR, Santiago. Eso nace y sale. In: *Después de Dios - Otro modelo es posible*. Coleção Novo Tempo Axial, nº 3, ES: Red de Bubok Publishing House. p. 59-143, 2021. Disponível em https://www.academia.edu/48939349/Despue_s_de_Dios_otro_modelo_es_posible?sm=b Acesso em 28 set. 2024.
- VIRGIL, José María. Sincero para con theos. In: *Después de Dios - Otro modelo es posible*. Coleção Novo Tempo Axial, nº 3, ES: Red de Bubok Publishing House. p. 175-231, 2021. Disponível em https://www.academia.edu/48939349/Despue_s_de_Dios_otro_modelo_es_posible?sm=b Acesso em 28 set. 2024.